

# Biografia vitrificada: agências e materialidades nos processos migratórios em um século de atividades seringueiras na Amazônia (1848-1945)

## Glazed biography: agencies and materialities of migratory processes in a century of rubber activities in the Amazon (1848-1945)

Antonio Guimarães<sup>I</sup>  | Daiana Travassos Alves<sup>II</sup> 

<sup>I</sup>Universidade Federal do Pará. Bragança, Pará, Brasil

<sup>II</sup>Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil

**Resumo:** Este artigo investiga a cultura material vítrea de um sítio arqueológico-histórico na Amazônia paraense, com base nas noções agentivas das coisas. A partir da integração entre dados materiais e registros históricos (e.g. matérias e anúncios de jornais), refletimos sobre a circulação das pessoas, das coisas e da seringueira (*Hevea brasiliensis*), tanto em forma de látex quanto de sementes, no contexto dos ciclos da borracha. Foram analisados frascos e garrafas do sítio Taboca-1, no médio rio Xingu, com foco na identificação de empresas, rótulos, marcas de fabricação, comercialização, usos e descartes. Cruzamos esses dados com fontes históricas para reconstruir a biografia dos objetos e das marcas envolvidas. Assim, biografamos duas empresas farmacêuticas nordestinas atuantes na economia gomífera, revelando distinções socioeconômicas de sujeitos nordestinos, como seringueiros e empresários. Os artefatos vítreos também nos apontam outras plantas nos fluxos comerciais, ainda que coadjuvantes da *Hevea brasiliensis*. A materialidade da borracha (1848-1945) articulou-se à migração nordestina incentivada pelo Estado, enredando-se nas dinâmicas socioambientais da região. Esses artefatos circularam entre os diversos sujeitos da materialidade seringueira e no ambiente solitário e insalubre dos seringais, portanto, consideramos que seriam gatilhos de memória, atuando como vínculos materiais com as origens desses migrantes.

**Palavras-chave:** Mobilidade migratória. Arqueologia na Amazônia. Materialidade seringueira.

**Abstract:** This paper examines the glass material culture of the Taboca-1 archaeological-historical site in the Amazonian State of Pará (middle Xingu River), grounded in the notion of agency of things. By integrating material culture data and historical records (e.g. newspaper articles and advertisements) we reflect on the circulation of people, objects, and latex during the Amazonian Rubber Cycles (1848-1945). Through the analysis of jars and bottles, we reconstructed the biography of objects and their manufacturing brands. The study focuses on two pharmaceutical companies from Northeastern Brazil that operated within the rubber economy, highlighting socioeconomic distinctions between rubber tappers and international medicine entrepreneurs. Findings suggest that, beyond *Hevea brasiliensis*, other plants were also part of these global commercial flows. The material culture of rubber tappers, tied to government-encouraged migration from the Northeast, was deeply entangled in regional socio-environmental dynamics. In the solitary and unhealthy environment of the rubber plantations, we consider such artefacts as memory triggers for the rubber tappers, objects that both evoked and materially anchored their connections to their places of origin.

**Keywords:** Migratory mobility. Amazonian archaeology. Rubber tapper's materiality.

---

Guimarães, A., & Alves, D. T. (2026). Biografia vitrificada: agências e materialidades nos processos migratórios em um século de atividades seringueiras na Amazônia (1848-1945). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 21(1), e20240095. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2024-0095.

Autor para correspondência: Antonio Guimarães. Universidade Federal do Pará. Rua Augusto Corrêa, 1. Belém, PA, Brasil. CEP 66075-110 (antonio.guimaraes@braganca.ufpa.br).

Recebido em 14/11/2024

Aprovado em 20/10/2025

Responsabilidade editorial: Cristiana Barreto



## INTRODUÇÃO

A Amazônia foi palco de significativas transformações associadas à construção do mundo moderno, especialmente impulsionadas pela exploração da borracha. Na virada para o século XX, a diversidade de produtos derivados da borracha provocou uma revolução na economia global (Muniz, 2023). Os ciclos da borracha configuraram-se como mais um dos muitos processos de exploração e manutenção da Amazônia como colônia na cadeia de produção tecnológica industrial. Esse contexto marcou o início de dinâmicas sociais intensas e conflituosas na região, que ainda reverberam nos dias atuais (Weinstein, 1993; Loureiro, 2022). Entre essas dinâmicas, destaca-se o massivo fluxo migratório de centenas de milhares de nordestinos para a Amazônia, atraídos pela economia da borracha (Hecht, 2013), sendo a maioria deles inserida em sistemas de servidão via aviação (Weinstein, 1993).

Como o estudo das coisas nos ajuda a entender esses processos? De várias maneiras, as coisas participam, influenciam e são influenciadas nas relações sociais (Miller, 2013). Partindo dos objetos para pensar o passado, são evocadas outras possibilidades de compreensão espacial e temporal das relações sociais. Há na categoria de 'coisas' a possibilidade de observá-las através da perspectiva dos processos pelos quais elas são investidas de personalidade e podem ter algum impacto nas relações sociais ou enfatizando as maneiras pelas quais elas são modificadas, perdendo personalidade. Em ambos os casos, elas estão agindo ativamente sobre as pessoas e sobre elas mesmas em determinados contextos (Hoskins, 2008; Miller, 2013). Nesse sentido, os objetos tornam-se mais impactantes quando consideramos suas dimensões sensoriais, especialmente dentro de um recorte temporal e espacial específico, e em relação à interação com seus usuários.

Esses aspectos revelam a simetria das agências não humanas e mostram como elas são transformadas pelas circunstâncias culturais de cada narrativa e contexto (Latour, 2009; Moshenska, 2010; Torres, 2018).

Na Amazônia, a Arqueologia Histórica tem revelado a diversidade da cultura material e aponta uma crescente tendência de investigação sobre o passado recente da região (Costa, 2017). Contudo, como em outras regiões distantes das grandes metrópoles, a materialidade arqueológico-histórica é escassamente estudada. Este artigo apresenta o estudo da cultura material vítrea de um sítio arqueológico-histórico na Amazônia paraense, a partir das noções agentivas das coisas. Integrando dados de cultura material e registros históricos (e.g. matérias e anúncios de jornais), refletimos sobre a circulação de pessoas, da cultura material vítrea e da seringueira (*Hevea brasiliensis*), em forma de látex e de sementes, no contexto dos ciclos da borracha na Amazônia. Entendendo essa materialidade e suas propriedades materiais como histórias (Ingold, 2007), o artigo busca reivindicar suas agências para conduzir o estudo de migração para a Amazônia, motivada pelos ciclos da borracha amazônica.

## ESTUDO DE CASO: SÍTIO TABOCA-1

O sítio arqueológico-histórico<sup>1</sup> Taboca-1 está localizado na ilha fluvial Taboca, próximo à foz do igarapé Gaios, no médio rio Xingu (Figura 1), a 130 km de distância (hidroviária) da cidade de Vitória do Xingu. Este sítio apresenta dois componentes de ocupação distintos: um indígena mais antigo, identificado pela presença discreta ( $n = 47$ ) de material cerâmico do período pré-colonial; e outro datando da segunda metade do século XIX com maior densidade material.

A Volta Grande do Xingu, como também é conhecido esse trecho do rio, do ponto de vista da arqueologia, passou

---

<sup>1</sup> A classificação do sítio como arqueológico-histórico refere-se ao fato de possuir um componente arqueológico referente ao período pós-colonial (cujos sítios são costumeiramente classificados como históricos). Portanto, trata-se de uma adjetivação do sítio por apresentar majoritariamente uma constituição material associada à sua ocupação pós-colonial, e não uma equalização de seu componente pré-colonial com arqueológico.

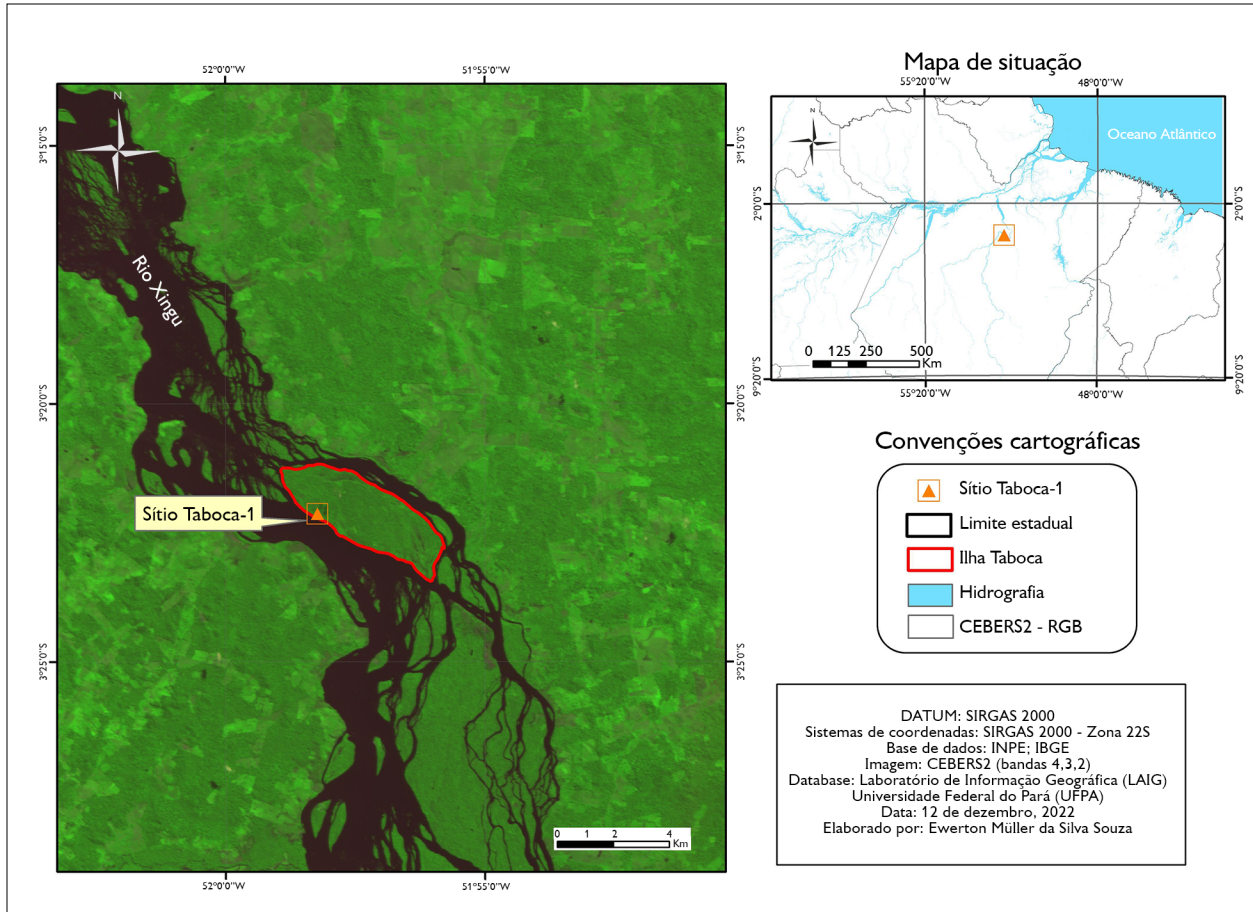


Figura 1. Localização do sítio arqueológico-histórico Taboca-1, médio rio Xingu. Mapa: Ewerton Müller da Silva Souza (2022).

a receber maior atenção a partir de pesquisas realizadas no contexto do projeto de arqueologia preventiva vinculado à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (Marques, 2020; Castro, 2020; Müller, 2022), incluindo o estudo apresentado neste artigo. A implantação da usina ocorreu em meio a um cenário conturbado e segue sendo alvo de críticas importantes por parte de diversos setores da sociedade brasileira (Müller, 2022), refletindo as tensões geradas pelo avanço da chamada 'modernidade' sobre a Amazônia. Nesse contexto, a modernidade é compreendida como um projeto civilizatório atrelado ao capital econômico e social (Bourdieu, 2011), funcionando como um vetor de profundas transformações, como ilustra a instalação desse empreendimento. A construção de Belo Monte se insere,

assim, na continuidade de políticas desenvolvimentistas que, desde o período imperial, orientam a ocupação da Amazônia com base em uma lógica de exploração intensiva.

Durante as pesquisas de prospecção realizadas entre 2013 e 2014, foram encontradas múltiplas evidências que identificaram a ocupação como pertencente ao período da 'economia da borracha' na Amazônia. A vegetação do local inclui a presença de *Hevea brasiliensis*, uma planta importante nas sociabilidades da região da segunda metade do século XIX até meados do século XX, com marcas de cortes específicos da extração do látex por toda a região amazônica, assim como depressões no solo que possivelmente serviam como base para os fumigadores utilizados no processamento do látex (Figura 2).

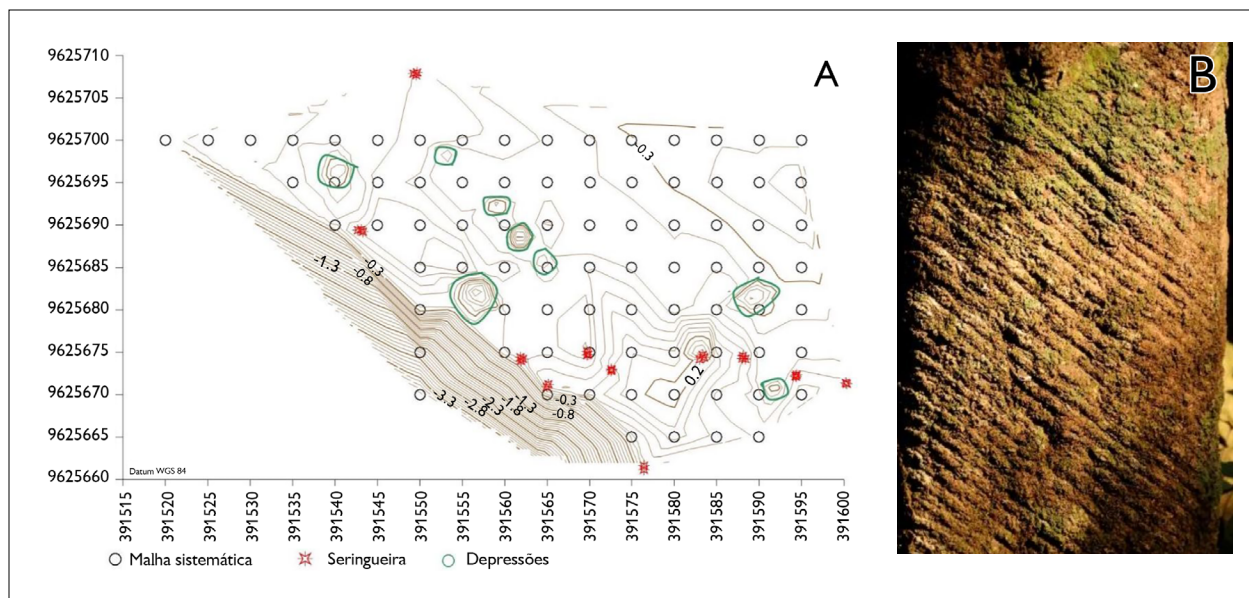


Figura 2. A) Implantação topográfica preliminar e distribuição da malha sistemática de sondagens; B) seringueira com marcas de cortes no caule. Fonte: Scientia Consultoria (2014).

O sítio arqueológico-histórico Taboca-1 revelou uma variedade de artefatos como louças, cerâmica indígena, metais, vidros, contas e botões. O padrão deposicional foi documentado em 23 unidades de escavação, das quais 16 apresentaram maior concentração de 0-20 cm, enquanto nas outras sete a maior distribuição material ficou em 20-40 cm abaixo da superfície, sendo que estas sete unidades continham centenas de peças inteiras e fragmentadas e estavam adjacentes a uma vedação de pau-a-pique. Considerando o contexto e a composição material dessas unidades de escavação, estas foram classificadas como área de lixeira coletiva do sítio, da qual são provenientes os frascos aqui analisados.

## METODOLOGIA

Sabendo que as diversas maneiras de fabricar vidro desde a Antiguidade deixam marcas observáveis que são passíveis de identificação, especialmente nas produções com técnicas manuais, que eram exclusivas até o final do século XIX e menos controláveis, podemos associar um conjunto dessas marcas a uma determinada técnica de produção e

aos tipos de instrumentos utilizados na manipulação do artefato (Camargo & Zanettini, 2017).

Assim, realizou-se a análise arqueológica dos remanescentes vítreos do Taboca-1 sistematicamente. Primeiro, foram agrupados os recipientes pelas proximidades das unidades de origem na escavação, seguidas das relações entre cores e espessura. Por fim, foram remontados os vasilhames para uma visualização mais eficiente da coleção e o registro na base de dados de análise.

Os critérios de análise incluíram: técnicas de confecção, observando as marcas na superfície associadas aos moldes ou aos instrumentos utilizados na fase de acabamento dos artefatos; coloração, resultado da seleção da matéria-prima e das técnicas de purificação da massa vítrea; e morfologias e funções. Partindo das logomarcas gravadas e das assinaturas nos frascos, elencamos um levantamento de dados secundários das empresas farmacêuticas identificadas.

Por fim, integramos a pesquisa documental nas bases digitais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, no *Historical Bottle Archeology – website* que sintetiza a produção vítrea

histórica dos EUA –, e o levantamento da literatura regional para entender o contexto socioeconômico, espacial e temporal, no qual o sítio Taboca-1 inseriu-se, visando observar os contrastes e as nuances que caracterizam as relações sociais no período de ciclos da economia da borracha no médio Xingu.

## **MATERIALIDADE: OBJETOS, COISAS E AGÊNCIAS**

O artigo aborda objetos de vidro provenientes do sítio arqueológico-histórico Taboca-1, os quais foram produzidos e patenteados por empresas nordestinas durante o ciclo da borracha na região. Partindo da ideia de que objetos e coisas interagem de maneira dialética com as pessoas, permitindo uma compreensão mais profunda dessa cultura material (Miller, 2013), consideramos que esses objetos possuíram uma agência tão significativa e relevante quanto a dos humanos na construção da materialidade seringueira (Latour, 2009).

Os frascos, copos e garrafas de vidro, junto aos objetos relacionados à extração da seringa, desempenham papéis essenciais no contexto doméstico da Amazônia – conformando a materialidade seringueira –, especialmente na armazenagem de remédios. Estes artefatos não são apenas produtos de atividades humanas, mas também agentes que compartilham origens, trajetórias e destinos na região. Eles encapsulam agências que se manifestam desde a produção, passando pela comercialização até o consumo, reveladas mediante análises e dados documentais (Muniz, 2022; Hoskins, 2008; Latour, 2009).

Seabra e Viveiros Pina (2023), ao investigarem o conjunto de garrafas de vidro do Solar da Beira, em Belém, chamam atenção para o caráter de uso e reuso desses recipientes, cuja circulação não se encerra em sua função original. Essa leitura também nos ajuda a ler os frascos do Taboca-1 como parte de trajetórias sociais mais amplas, em que o vidro foi apropriado em diferentes contextos até chegar ao descarte coletivo, reforçando sua dimensão biográfica.

O registro arqueológico, formado pelo descarte coletivo da comunidade seringueira da ilha Taboca, assim como a própria materialidade do período da borracha (Muniz, 2022), resulta da relação entre diversas gentes, os objetos e o ambiente. Compreender o gênero, o nome, a função e a história dos objetos nos permite afirmar sua capacidade de ação no mundo (Hoskins, 2008). Assim, informações como propagandas dos remédios identificados e registros comerciais das empresas nos possibilitam acessar a biografia dessas coisas. As agências dos objetos são definidas pela forma como evocam respostas emocionais, incorporam a intencionalidade de seus criadores (Hoskins, 2008) e intermediam as relações sociais, o que entendemos como significados que podem ser lidos como um texto (Hodder, 2012).

Sob essa perspectiva, são precisamente as perguntas sobre essas agências que possibilitam o desenvolvimento da biografia das coisas. Conforme sugere Hoskins (2008, p. 78), é necessário considerar três níveis de mediação que caracterizam o objeto biográfico: i) tempo – o objeto, ao interagir diretamente com o proprietário, é marcado por ele e, ao mesmo tempo, marca a vida de ambos; ii) espaço – refere-se ao espaço concreto do proprietário; e iii) proprietário e/ou consumidor – as pessoas que circundam os objetos biográficos, agindo sobre eles e desenvolvendo personalidades e reflexão.

Além da dimensão dos objetos, também investigamos as vidas das empresas fabricantes de diferentes origens (nacionais, norte-americanas e europeias), dada a possibilidade de entender os significados adquiridos por entidades não humanas, bem como suas agências nos seus espaços que afetam a construção/invenção de identidades humanas (Ribeiro, 2013). No âmbito do comércio fértil da borracha, as empresas farmacêuticas integram as rotas migratórias na forma de seus produtos, que, em conjunto com os seringueiros em deslocamento, são sujeitos na sociabilidade da economia da borracha. Uma percepção do ambiente amazônico como insalubre (E. Cunha, 2000) contextualiza o comércio de fármacos nos regatões e

barracões de seringais, destacando-se elixires e o quinino usado contra a malária.

Por fim, consideramos também a agência das plantas nessas redes de interação. Sem dúvida, a *Hevea brasiliensis* se destaca em nosso contexto arqueológico-histórico, pois está impregnada no imaginário amazônico sobre os áureos ciclos da borracha, na herança arquitetônica e artefactual da *Belle Époque*, nos discursos sobre o declínio e em um reconhecido imaginário popular sobre a exploração dos trabalhadores nos seringais. Dos emaranhados, pré e pós-coloniais, entre gentes e seringueiras, resulta a presença desta entre as 20 espécies arbóreas hiperdominantes nas florestas amazônicas (Ter Steege et al., 2013). Contudo, o cruzamento da análise da materialidade vítrea com a biografia das empresas farmacêuticas, apresentado a seguir, nos permite vislumbrar as agências de outras plantas, principalmente as medicinais, nessa seara.

## MOBILIDADES MIGRATÓRIAS NA AMAZÔNIA E A INCLUSÃO DA SERINGUEIRA NO CIRCUITO INTERNACIONAL

Ao longo do século XVII, expedições europeias descobriram o manuseio da seiva da seringueira por indígenas (La Condamine, 2000), bem como a coleta de sementes e frutos amazônicos, as chamadas “drogas do sertão” (Chambouleyron, 2008). Nesse contexto, constituíram-se interações entre povos nativos e colonizadores raramente pacíficas, resultando em conflitos que frequentemente consistiram no genocídio indígena. Esses conflitos tinham o intuito de estabelecer o ‘progresso’ na região por meio da exploração da mão de obra escrava indígena (Lacerda, 2006; Faria, 2016; Marinho, 2019).

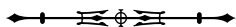
O processo de ocupação e exploração de recursos decorrentes da economia gomífera influenciou deslocamentos de pessoas em um fluxo interno e da seringueira em um fluxo externo (primeiro como látex e, depois, sementes). A primeira rota da *Hevea brasiliensis* para fora da Amazônia ocorreu com La Condamine (2000), que registrou, em sua expedição científica, o uso do látex entre os povos indígenas amazônicos.

Ele levou látex consigo e passou a importá-lo da Guiana Francesa, disseminando sua utilização na Europa em fins do século XVIII (Weinstein, 1993). Nas décadas seguintes, com o aprimoramento da exploração industrial do látex e a importância que seus subprodutos adquiriram no mundo ocidental, a circulação internacional da *Hevea* passou a uma escala comercial de toneladas.

O auge das exportações (1878-1912) foi contraposto pelo fluxo interno de migrantes, principalmente nordestinos, na casa de dezenas de milhares (Lacerda, 2006), com os quais circulavam também múltiplos objetos e novas relações sociais se materializavam na Amazônia. O intenso trânsito de pessoas para e pelo território durante os períodos da economia da borracha na Amazônia brasileira (1848-1945), motivado pela exploração da seringa, sendo as pessoas atraídas pelo ‘ouro elástico’, transformou o processo de ocupação da região. Contudo, essa ocupação se deu na lógica desenvolvimentista amparada em um nascente discurso de integração nacional, inspirado nas velhas narrativas coloniais de uma Amazônia vazia de gentes.

Desde a colonização amazônica, durante o século XVII, a bacia do rio Xingu foi considerada crucial para sua ocupação (Faria, 2016; Marinho, 2019). Por exemplo, a construção da fortaleza de Santo Antônio de Gurupá na foz desse rio, após a expulsão dos holandeses, objetivou facilitar o registro das navegações para o interior da capitania do Pará e Maranhão, especialmente em função das missões portuguesas (Faria, 2016). Os aldeamentos missionários operavam com base na exploração da mão de obra indígena, empregada na agricultura e na coleta de produtos como salsaparrilha, cravo e castanha, entre outros (Marin, 2010). Essa dinâmica seria alterada pela implantação da economia da borracha, empregando saberes que, no século XIX, foram guiados pela urgência imperial de implementar seu ideal modernizador de ocupação amazônica (Neves, 2008; Bastos & Lopes, 2008).

O sítio Taboca-1 nos possibilita pensar nas condições de mobilidade para o Xingu dentro dessa reorganização do trabalho. As cachoeiras do médio e alto rio Xingu foram



limites físicos ao avanço da empresa colonial (Marinho, 2019), e as ilhas nesse rio facilitaram o tráfego de pessoas e coisas no contexto da exploração da borracha no médio Xingu, a qual foi um motor de transformação econômica e social para os habitantes das ilhas e beiradões deste curso do rio, levando a mudanças na estrutura de trabalho, na distribuição de renda e nas relações comerciais (Marinho, 2019). Nessa “dinâmica elástica” (Muniz, 2020), o sítio poderia ser considerado um ponto estratégico à extração da borracha na região.

A atividade de exploração da borracha no sítio Taboca-1 é evidenciada pelas seringueiras com marcas da atividade extrativa de látex, por depressões próximas às estruturas do que poderiam ser as casas fumigadoras dessa matéria-prima, e mesmo pela disposição de algumas árvores de seringa. A configuração das seringueiras concentradas na área sudeste do sítio é consistente com a formação, de longo prazo, de ‘zais’ (aglomerados) por povos indígenas (*i.e.*, castanhais, piquiazais, açazais), que, em conjunto com alguns indivíduos dispersos da planta, registra o formato de produção do látex nesse seringal.

Os ciclos da borracha na Amazônia representam momentos cruciais de integração da região ao mercado global, especialmente entre o final do século XIX e meados do século XX. O fenômeno, impulsionado pela alta demanda internacional por látex, foi decisivo para a ocupação do atual estado do Pará e para a constituição de novas relações sociais e econômicas. Inicialmente, caracterizando o primeiro ciclo, a Amazônia destacou-se como a principal exportadora mundial de látex bruto no modelo extrativista. No entanto, a partir da década de 1910, a concorrência com a produção asiática expôs as fragilidades da estrutura produtiva amazônica, baseada no

extrativismo disperso e pouco competitivo (Weinstein, 1993; Cruz, 2019; Muniz, 2022).

Durante a Segunda Guerra Mundial, já no segundo ciclo, os seringais voltaram a ganhar importância estratégica, mas o esforço foi limitado pela escassez de mão de obra e pelas barreiras naturais da região (Miranda & Hochman, 2021). A produção amazônica, marcada por dificuldades logísticas e sociais, não se consolidou como um polo industrial global, conformando o que Weinstein (1993) definiu como uma “economia regional”, caracterizada por resistências internas aos investimentos capitalistas e pela singularidade de suas formas de produção e troca.

Assim, as próprias seringueiras, no caso do Taboca-1, são artefatos que nos apontam possibilidades interpretativas. Por um lado, podemos aventar a reprodução de uma lógica extrativista colonial, que se aproveitava das fontes silvestres espalhadas na floresta (Weinstein, 1993), compreendendo o setor aglomerado como resultante da atividade indígena (Ter Steege et al., 2013) anterior aos ciclos da borracha<sup>2</sup>. Por outro, podemos inferir um esforço de organização do seringal em forma de *plantation*, cujo exemplo infame na Amazônia se materializou em Fordlândia. Considerando que o sítio se situa cronologicamente em ambos os ciclos da borracha, ambas alternativas são plausíveis. Isto é, em um primeiro momento poderia ter se aproveitado da distribuição relacionada à ocupação indígena e, depois, organizado a distribuição das árvores nativas dentro do espaço da ilha Taboca.

Pensar o seringal<sup>3</sup> dentro da lógica de um sistema de *plantation* permite articulá-lo ao segundo fluxo internacional da *Hevea brasiliensis* – um movimento que marcou o declínio da produção de borracha na Amazônia e impactou profundamente suas configurações socioeconômicas. Esse segundo ciclo teve início com o contrabando de

<sup>2</sup> O período econômico da borracha, de forma ampla, foge ao escopo do artigo. Para se aprofundar no tema, ver R. Santos (2019).

<sup>3</sup> Entende-se por seringal a unidade produtiva típica do ciclo da borracha na Amazônia, composta por uma área de floresta onde se localizam seringueiras nativas destinadas à extração do látex. Esses espaços organizavam-se em torno de relações desiguais entre patrões (frequentemente chamados de seringalistas) e trabalhadores (os seringueiros), e constituíam um sistema econômico baseado no extrativismo, no aviamento e na dívida como forma de controle. Mais do que simples áreas produtivas, os seringais estruturaram uma forma particular de ocupação territorial e de organização social na floresta, com forte resistência à lógica industrial capitalista global (Weinstein, 1993).

cerca de 70.000 sementes por Henry Wickham (Muniz, 2019), seguido pelo intercâmbio de mudas entre jardins botânicos das colônias britânicas e francesas (E. Stoll, comunicação pessoal, 19 de junho de 2024<sup>4</sup>). A dispersão global da seringueira não só redefiniu os polos de produção mundial, como também gerou novos fluxos de pessoas: migrantes nacionais deslocaram-se internamente para os seringais amazônicos, enquanto trabalhadores e agentes estrangeiros passaram a atuar nos diversos níveis da economia gomífera – tanto na estrutura já existente, quanto nos postos de trabalho gerados pela reorganização da indústria da borracha em escala global.

Abordaremos agora a análise dos artefatos vítreos do sítio Taboca-1, que revelam a materialidade da sociedade do látex na Amazônia entre o final do século XIX e meados do século XX. Esses frascos medicinais oferecem *insights* sobre usos domésticos, circulação de pessoas e plantas na economia da borracha no médio Xingu, enriquecendo nossa compreensão da história econômica e social da região nesse período. Esses artefatos arqueológicos são fundamentais para enriquecer nossa compreensão da história econômica e social do médio Xingu durante o período da exploração da borracha.

## BIOGRAFIA DA MIGRAÇÃO VÍTREA NORDESTINA NA AMAZÔNIA

São raros os estudos de cultura material referentes ao período da borracha na Amazônia. Muniz (2020) se utiliza da arqueologia histórica e contemporânea para entender os fluxos de coisas e pessoas a partir de uma “arqueologia elástica” na Amazônia, adotando os métodos etnoarqueológicos, relacionais e simétricos no estudo de garrafas de vidro e grés do final do século XIX na região do baixo Amazonas. A pesquisa do autor considerou que a descoberta do látex da seringueira teve grande impacto, dado seu grau de elasticidade e valor econômico, contribuindo

para a modernização do mundo com a invenção de pneus para carros e aviões e configurando o que se convencionou chamar de ‘vida moderna’ no século XX.

Dessa forma, destacamos a importância do recorte temporal e espacial para compreendermos as dinâmicas – sobretudo aquelas que envolvem a relação entre pessoas e coisas – que podem ter contribuído para processos de etnogênese, isto é, para a formação de novas identidades socioculturais e modos de vida resultantes da inserção da região amazônica na lógica da modernidade capitalocênica e antropocênica (Muniz, 2020). Um marco importante nesse processo foi o final da década de 1870, quando muitas pessoas migraram para a Amazônia para trabalhar como seringueiros, principalmente vindas do nordeste do Brasil (Lacerda, 2006).

Na coleção dos vidros do sítio Taboca-1, observamos temporalidades múltiplas. Das empresas identificadas, e no que concerne às suas origens, o recorte remete à sua presença no Pará entre os anos de 1866 a 1970, incluindo ascensão e declínio da atividade da borracha na Amazônia. Este artigo foca em seis frascos de duas empresas farmacêuticas do nordeste do Brasil: João Victal de Mattos & Irmãos, do Maranhão, e Rodolpho Théophile, do Ceará. A análise arqueológica, realizada de acordo com os critérios pré-estabelecidos, revelou que todos os objetos foram fabricados usando técnicas automáticas. Quanto à coloração, todos os frascos são incolores. No que diz respeito à morfologia, foram identificadas duas garrafas retangulares, dois frascos retangulares, um frasco quadrado e um frasco octogonal (Figura 3).

Todos os recipientes apresentaram gravações em superfície modificada, ou seja, tinham seus próprios moldes. Por exemplo, um frasco medicinal apresenta gravado, em alto relevo, ‘JOÃO VICTAL DE MATTOS & [IRMÃOS]’, ‘PHARMACEUTICOS MA[RANHÃO]’, sendo este frasco retangular com base quadrada, incolor,

<sup>4</sup> Declaração proferida no evento “Café com ciência”, cujo tema era “As migrações da *Hevea brasiliensis* ao redor do mundo (1876-1945)”, realizado no *Campus* de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém.



Figura 3. Dados dos vestígios medicinais das firmas farmacêuticas nordestinas João Victal de Mattos & Irmãos e Rodolpho Theóphilo em números absolutos. Fonte: Scientia Consultoria (2022).

com espessuras entre 2 e 5 mm e algumas bolhas de ar, possivelmente produzidos com tecnologia automática de baixa qualidade. Os outros dois frascos estão muito fragmentados e não foi possível a remontagem deles, mas apresentam a mesma tecnologia de produção e atributos físicos daquela remontada.

A empresa maranhense João Victal de Mattos & Irmãos leva o nome do farmacêutico João Victal de Mattos (1863-1925) (Figura 4), que nasceu na cidade de Viana, no estado do Maranhão. Foi deputado do estado por alguns mandatos, muito influente na sua época (Baima, 2012), além de ter sido químico que fabricava e manipulava compostos – os quais chegou a patentear no mesmo local de sua famosa farmácia (Figura 5). Em 1890, teve seu mais famoso elixir depurativo do sangue, o ‘elixir de carnaúba’,

aprovado pela Inspeção de Higiene Pública do Brasil (“Quarta Época”, 1892).

No início do século XX, João Victal ganhou reconhecimento significativo na indústria farmacêutica, especialmente quando seus produtos começaram a ser distribuídos para estados vizinhos, como o Pará e o Amazonas, através de farmácias em Belém e Manaus, em 1910 (Baima, 2012). Esse período marcou um avanço na comercialização de produtos farmacêuticos, em que estratégias detalhadas de *marketing* e validações por institutos renomados foram utilizadas para aumentar a confiança dos consumidores e impulsionar as vendas. Esse contexto não apenas valorizou a inovação científica, mas também redefiniu a percepção pública sobre medicamentos e tratamentos, estabelecendo padrões duradouros na indústria.

Segundo Baima (2012), grande parte do sucesso e do reconhecimento do farmacêutico resultou da ampliação das estratégias publicitárias da época. Como consequência, recebeu diversas medalhas, tanto no Brasil quanto no exterior, incluindo: na Grande Exposição Universal de Saint Louis, nos Estados Unidos (1904); na Exposição Universal em Bruxelas, Bélgica (1910); na Festa Popular do Trabalho, no Maranhão (1912); e na Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1908) (Figura 6).

Essas distinções serviam como uma forma de validação e reconhecimento da qualidade e da eficácia dos produtos, o que era fundamental em uma época em que a regulação sanitária ainda estava em desenvolvimento. É possível que esses prêmios e a aprovação dos produtos pelo Instituto Sanitário Federal, que foram

submetidos a análises do Laboratório Nacional de Análises e da Clínica Particular do Rio de Janeiro, tenham começado a ser destacados nos anúncios de jornais em 1910. Esse tipo de informação é importante para garantir a validade dos produtos, pois testes realizados por órgãos sanitários comprovaram a eficiência deles (Baima, 2012).

No Maranhão, a farmácia João Victal de Mattos & Irmãos funcionou até a década de 1970, quando veio à falência devido à concorrência com grandes empresas nacionais e internacionais, bem como à má gerência da firma após a morte de João Victal, em 1925, e, posteriormente, de seus irmãos (Baima, 2012). A sobrinha do farmacêutico, Moema de Castro Alvim, escreveu, em 2011, um relato intitulado “Trajetórias entrelaçadas”

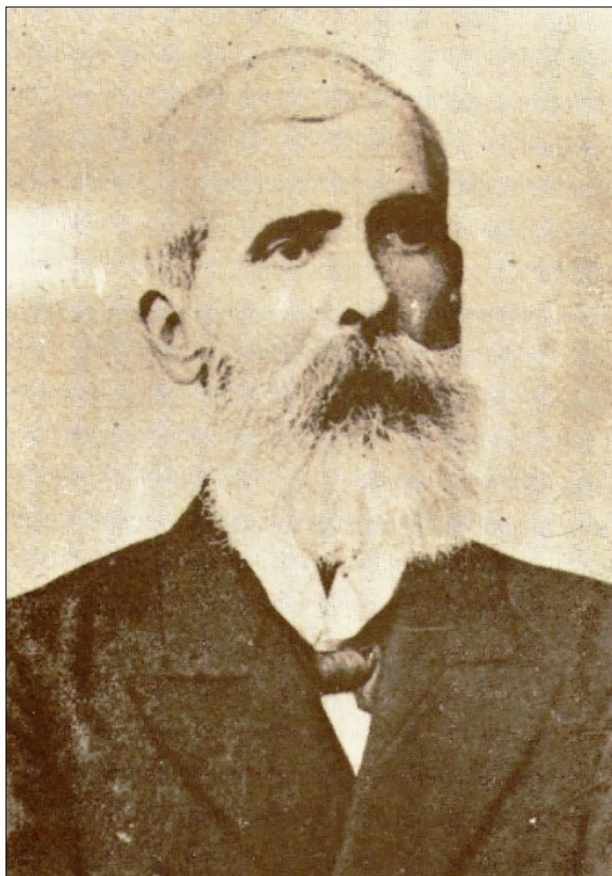


Figura 4. João Victal de Mattos. Fonte: Cerqueira (s.d.).



Figura 5. Farmácia de João Victal de Mattos & Irmãos, que funcionou entre a penúltima década do século XIX e a década de 1970. Fonte: “Antiga Pharmacia de São Luís” (2023).

Ano 1911 Edição 00000

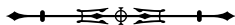
2896 a 2902 PRINCIPAES CASAS DE MARANHÃO (CAPITAL)

Tintura Preciosa João Victal	Fac-símile da marca da fabrica de nossa propriedade	VINHO TONICO João Victal
ELIXIR DE CARNAUBA João Victal		Elixir de Hemoglobina João Victal
Pilulas anti-febris João Victal		Xarope anti-leucorrhoeico João Victal
Vinho febrifugo João Victal		LEUCORRHINA João Victal

Preparados de firmada reputação, premiados com Medalha de Prata nas Exposições de S. Louis, E. U. America do Norte — Bruxelas e Festa Popular do Trabalho em Maranhão e Medalha de Ouro na Exposição Nacional do Rio de Janeiro.

**JOÃO VICTAL DE MATTOS & IRMÃO — Maranhão**

Figura 6. Principais produtos da firma farmacêutica João Victal de Mattos & Irmãos, Maranhão, em periódico de 1911. Fonte: “Notabilidades...” (1911).



(Alvim, 2011), no qual narrou um pouco sobre sua experiência de trabalho na empresa dos tios. A médica e farmacêutica diz:

Um pouco por discrição e mais por timidez, raramente eu descia ao laboratório. Porém, nas poucas vezes que o fiz, ficava fascinada com a profusão de equipamentos, a grande variedade da vidraria, o cheiro que emanava dos recipientes nos quais as ervas medicinais eram maceradas para posterior decocção e extração dos princípios ativos. Alambiques, destiladores, retortas, balões de vários tamanhos, almofarizes, béqueres, erlenmeyers, provetas, funis, kitasatos, buretas e balanças. Nunca esqueci os potes de porcelana para ervas desidratadas, as caixinhas para as pílulas, os frascos de vidro transparentes e de cor âmbar, estes para impedir a passagem da luz, evitando, assim, a oxidação das tisanas, dos elixires, dos vinhos. Em todo o laboratório, junto aos odores exalados dos remédios em processo de fabricação, sentia-se a presença de João Victal, o seu espírito criador, a sua perspicácia, liderança e inteligência que o tornaram o pioneiro na industrialização de fármacos no Maranhão (Alvim, 2011).

Destacamos, tanto no anúncio de jornal (Figura 6) quanto na fala de Moema (Alvim, 2011), a sutil presença das plantas medicinais, agentes que preenchiam os recipientes e o ambiente da farmácia com odores, funcionando como gatilhos de memória da narradora e evocando a presença do fundador (Hoskins, 2008). Ademais, embora transmutadas em vinhos, pílulas e elixires, essas plantas também compõem o conjunto de migrantes do nordeste para a Amazônia, no âmbito da economia da borracha, tendo nos frascos de vidro o meio de migração para sua materialidade líquida. Contudo, certamente chegam com *status* diferenciado das levas de trabalhadores dos seringais, como o 'elixir de carnaúba', carro-chefe da João Victal, que chega nas farmácias e nos interiores da Amazônia como prestigiado fármaco.

Encontramos gravações da empresa Rodolpho Theóphilo em dois dos três frascos medicinais, ambos parcialmente íntegros. No entanto, as dimensões físicas dos fragmentos do terceiro frasco da empresa são diferentes das identificadas nos outros dois, impossibilitando a identificação do

conteúdo dos remédios pela comparação direta. Ainda assim, é possível que se trate de um dos renomados xaropes da empresa, conhecidos por tratar mal-estar estomacal.

Nos exemplares da firma farmacêutica Rodolpho Theóphilo, havia a gravação '[RO]DOLPHO THEOPHILO' e 'CEARÁ', às vezes em letras minúsculas e outras em letras maiúsculas. Esta empresa destacou-se por carregar o nome de um renomado filantropo, escritor, professor e farmacêutico do Ceará. Rodolpho Theóphilo (Figura 7) formou-se em Farmácia em 1875 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Além de farmacêutico, ele foi jornalista, poeta e contista. Sua empresa fabricava uma variedade de produtos, incluindo xaropes, remédios para reumatismo, doenças de pele, asma, coqueluche, problemas estomacais e dores de cabeça, além de pomadas para eczemas e loções para o tratamento de doenças como tuberculose e sífilis (Scientia Consultoria, 2022). Esses produtos se popularizaram na região Norte do país a partir de meados da década de 1880, sendo comercializados em farmácias de Belém. Era um exímio botânico, como muitos agentes envolvidos no ciclo da borracha, tendo escrito, com Garcia Redondo, a obra "Botânica elementar" (Redondo & Theóphilo, 1997).

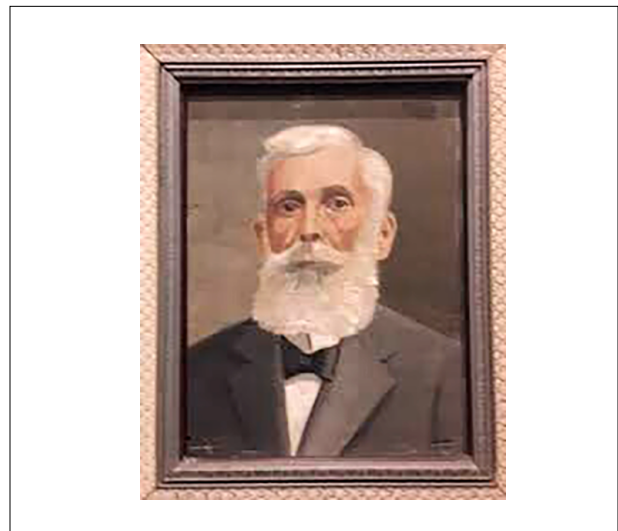


Figura 7. Rodolpho Theóphilo. Fonte: Academia Cearense de Letras (s.d.).

Rodolpho Theóphilo foi uma figura de grande importância durante a seca que assolou o Ceará, especialmente no combate à epidemia de varíola, em 1878. Em 1901, Theóphilo fabricou uma vacina contra a varíola, custeando todas as despesas com recursos próprios e organizando campanhas de vacinação autônomas para a população cearense (Figura 8; Nobre, 2012). Seu trabalho não só salvou inúmeras vidas, mas também demonstrou seu compromisso com a saúde pública e o bem-estar da comunidade.

O caso dos dois farmacêuticos, cujos produtos compõem a coleção artefactual do sítio Taboca-1, evidencia distinções socioeconômicas dos sujeitos nordestinos integrados na economia da borracha. Por um lado, ocuparam os seringais como mão de obra na extração do látex. Por outro, disputaram espaço como empresários no mercado internacional de medicamentos. Ademais, a materialidade vítrea de sua criação nos aponta outras plantas envolvidas nos fluxos comerciais desse contexto, mesmo se coadjuvantes da *Hevea brasiliensis*.

### COMO E POR QUE AS COISAS MIGRAM: PESSOAS E A MATERIALIDADE SERINGUEIRA

A materialidade seringueira na Amazônia incorporou elementos como os frascos medicinais aqui analisados, que foram agentes ativos, atrelados às pessoas, na costura de novas interações sociais. Os objetos de vidro fizeram parte desse emaranhado de relações entre pessoas e coisas – como mercadorias “representadas como o resultado mecânico de regimes de produção governados pelas leis de oferta e procura” (Appadurai, 2008, p. 31). Essas coisas importam para pensarmos as trajetórias das pessoas que estavam ocupando as ilhas do Xingu. Os sujeitos da história social da borracha no curso médio do rio Xingu foram os indígenas da região, os seringalistas que representavam o poder econômico e político à época e os seringueiros migrantes, trabalhadores que foram atraídos à



Figura 8. Morro do Moinho - Rodolpho Theóphilo vacinando a população contra a varíola. Fonte: Nobre (2012).

Amazônia e escravos negros<sup>5</sup>. Abordaremos, a seguir, os dois momentos em que fluxos migratórios de nordestinos foram direcionados para o sítio Taboca-1, correspondentes aos dois ciclos da borracha.

No final do século XIX, a região da ilha Taboca pertencia ao seringal da família Balão. Dentre os membros dessa família, estavam os irmãos seringalistas Assis e Victorino Balão. As estradas, em geral, eram compostas por dezenas ou centenas de seringueiras. No caso da ilha Taboca, havia mais de vinte estradas de seringa, ultrapassando duzentas árvores para extração de borracha por estrada (Scientia Consultoria, 2022). No primeiro ciclo da borracha, a Amazônia recebeu migrantes nacionais, principalmente nordestinos, em razão de duas grandes secas do Ceará. Ademais, neste período ocorreram tentativas dos poderes públicos de implementar núcleos coloniais de imigrantes estrangeiros na região (Lacerda, 2006).

O programa de colonização imperial consistia principalmente em medidas voltadas para facilitar a introdução de colonos, promover a agricultura mercantil, proteger áreas de fronteira e estabelecer colônias para receber trabalhadores migrantes na região. Somadas a essas medidas, foram instituídas ações para a promoção da catequese e a civilização dos povos indígenas, aproveitando-se também o trabalho desses indivíduos (Weinstein, 1993; Nunes, 2016).

<sup>5</sup> Os escravos estiveram inseridos no contexto do primeiro ciclo da borracha durante o Brasil Império.

A Resolução Provincial n. 263, 13 de outubro de 1854 (Governo do Estado do Pará, 1855), de João Pinto de Araújo, aumentou os fundos destinados à introdução de colonos e especificou os tipos de imigrantes a serem transferidos para o atual estado do Pará. Essa resolução defendia a seleção de nacionais de Portugal e da Galícia, argumentando que esses grupos compartilhavam o mesmo idioma dos brasileiros, o que facilitaria a adaptação ao novo território (Nunes, 2016). Mais efeitos desta resolução são vistos nos anos de 1855 e 1857 na província do Pará, quando se planejou a imigração de cem operários e agricultores por mês durante dois anos. Todos esses imigrantes deveriam ter entre 18 e 40 anos, ser saudáveis, robustos e possuir atestados de bons costumes validados pelos agentes do império. O seringalista tinha a responsabilidade de adiantar o valor das passagens (48 mil réis por imigrante), havendo a possibilidade de multa de 40 mil réis para aqueles que não conseguissem emprego (Governo do Estado do Pará, 1855, 1857a, 1857b).

Apesar do potencial da indústria da borracha para trazer prosperidade e aumento populacional sem precedentes na Amazônia, apenas alguns defensores comprometidos apoiavam este setor extrativo durante as primeiras décadas dessa empreitada (Weinstein, 1993). A potencialidade da extração da borracha tornava-a símbolo do 'progresso' no Xingu; principalmente nos discursos dos grupos sociais interessados no seu aumento (M. Cunha, 2008). Desse modo, situamos a inserção dos empresários farmacêuticos nordestinos nesse contexto de influência das relações familiares e das conexões políticas no acesso a oportunidades de negócios na economia da borracha, para além do comércio de *Hevea brasiliensis*.

A princípio, muitos dos trabalhadores foram direcionadas para a região do atual município de Souzel, no qual o presidente de vogais, Major Leocádio de Souza, aproveitava-se da mão de obra para extrair produtos naturais da região, entre os quais a borracha (Chambouleyron, 2008). Assim, a economia da borracha

foi ganhando espaço por todo curso do Xingu, povoando, sobretudo, as ilhas, já que as matas eram ocupadas pelos indígenas não aldeados (Caldarelli et al., s.d.). Devido aos iminentes ataques indígenas, os seringueiros eram obrigados a residir nas ilhas ao longo do rio Xingu, deixando suas famílias lá enquanto trabalhavam nos seringais situados no interior do vale do rio (Marinho, 2019).

Conforme a bibliografia historiográfica, durante o período de maior atividade extrativa da borracha no médio Xingu, Souzel e Porto de Moz eram os centros de exportação da borracha e circulação de pessoas, sobretudo aquelas que habitavam os povoados nas proximidades. A importância estratégica dessas localidades é documentada em uma solicitação do próprio imperador de que duas léguas de terras fossem reservadas para seu patrimônio em Porto de Moz, na província do Grão Pará. Uma dessas léguas deveria iniciar a partir dos limites urbanos em direção ao sul, seguindo o rio Xingu, enquanto a outra deveria seguir em direção ao norte, ao longo do mesmo rio (Governo do Estado do Pará, 1874). Embora essa fonte não tenha informações detalhadas acerca da implantação de um seringal dentro dessas duas léguas, ela nos permite vislumbrar o contexto socioespacial no qual estavam inseridos a ilha Taboca e o sítio Taboca-1, possivelmente como lugares de acesso à matéria-prima e também como espaço para habitação das famílias de seringueiros nordestinos. Portanto, as coisas escavadas no Taboca-1 possuem uma característica representativa das dinâmicas da atividade econômica em função da borracha amazônica.

Nesse cenário, dois eventos desempenham um papel crucial na migração em massa de nordestinos em direção à Amazônia. O primeiro foi a seca severa que afetou o nordeste brasileiro entre 1877 e 1879, impactando especialmente os habitantes do estado do Ceará. Essa migração não apenas refletia a busca por condições climáticas mais favoráveis, mas também se alinhava aos esforços governamentais para mitigar os conflitos sociais decorrentes da concentração fundiária

histórica na Amazônia, que remonta ao período colonial (Silva et al., 2010). O segundo foi o fim da Guerra Civil Americana (1861-1865), que permitiu aos Estados Unidos retomar a produção de algodão para consumo doméstico, afetando esse setor no nordeste e resultando na liberação de uma grande quantidade de trabalhadores nordestinos anteriormente empregados na indústria algodoeira, especialmente no Ceará (Silva et al., 2010).

As casas aviadoras foram muito importantes nesse momento, pois, como representantes legais e financeiros dos clientes mais ricos que residiam no interior, providenciavam o transporte e a distribuição de migrantes na Amazônia (Weinstein, 1993; Lacerda, 2006). Eram também os locais de comercialização de aviamentos para os trabalhadores, configurando-se como importantes elementos nas biografias dos objetos escavados no sítio Taboca-1. A análise do processo de des(re)territorialização<sup>6</sup> (Silva et al., 2010), ou de mobilidade migratória (Rosa, 2021), dos nordestinos, conhecido como Batalha da Borracha<sup>7</sup> no território amazônico, resultou em uma série de transformações culturais, sociais, políticas, ambientais e econômicas que vinham ocorrendo na região desde o primeiro ciclo da borracha. Esses processos podem ser compreendidos como uma estratégia geopolítica para garantir a integridade territorial e a identidade nacional brasileira.

Em síntese, observamos uma "migração de crise" (Rosa, 2021) durante a seca que assolou o nordeste brasileiro no final do século XIX. Esse movimento resultou em uma terrível situação de miséria para os retirantes nordestinos, impulsionando-os a enfrentar inúmeras dificuldades em outros estados para sobreviver. Contudo, essa oferta iludia os migrantes com a perspectiva de trabalho fácil e ganhos financeiros elevados, num processo controlado pelas instituições, que envolvia o endividamento dos seringueiros desde o momento de

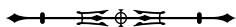
sua partida do nordeste até sua chegada à Amazônia. E, nesse sentido, a partir da valorização econômica da borracha na década de 1890, os extensos seringais passaram a ser explorados de maneira efetiva até o alto curso do rio Xingu; ainda que se mantivessem protegidos pelas cachoeiras e corredeiras, atraíram-se mais ainda os cearenses quando os preços do látex atingiram o seu ápice (Lacerda, 2006; Marinho, 2019).

A partir de 1942, o "Brasil assinou com os EUA os acordos de Washington, comprometendo-se a fornecer látex para os países aliados, tendo em vista a interdição das grandes áreas produtoras dessa matéria-prima na Ásia pelas potências do Eixo" (Marinho, 2019, p. 51). No entanto, a decisão do Brasil de alinhar-se com os Estados Unidos trouxe uma mudança significativa na atuação do governo Vargas na região amazônica, conferindo-lhe uma nova dimensão estratégica (Miranda & Hochman, 2021).

Durante a Segunda Guerra Mundial, com as Batalhas da Borracha, a atuação na extração de látex se propagou como uma alternativa de 'melhores condições financeiras', 'alternativa de enriquecimento' e 'integração à sociedade civilizada' pelo poder governamental, representado pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e suas estratégias de recrutamento de trabalhadores (Brito, 2017). O procedimento de migração institucionalizado compreendia o endividamento do seringueiro desde seu deslocamento de origem até a Amazônia, com adiantamento de instrumentos de extração da borracha a serem cobrados com juros exorbitantes, subvalorizando aquilo que o seringueiro produziria (Marinho, 2019). Nas propagandas do SEMTA (Figura 9), percebemos como as garrafas e os frascos de medicamentos poderiam iniciar sua migração com os trabalhadores, pois a assistência médica era incluída nos

<sup>6</sup> O conceito prevê a desapropriação do território dos migrantes, nordestinos, assim como o processo de ocupação amazônica em decorrência do deslocamento (Silva et al., 2010).

<sup>7</sup> A expressão buscava equiparar os soldados brasileiros, os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), aos soldados que seriam enviados para a frente europeia em julho de 1944, criando uma imagem nacionalista e heroica (Miranda & Hochman, 2021).



serviços ofertados para suscitar a mobilidade dessa mão de obra à Amazônia. Esse acesso aos medicamentos poderia ocorrer na rota de deslocamento dos migrantes, especialmente nas casas de aviação.

Uma vez mais, a seca no início da década de 1940 causou adversidades sociais e econômicas no nordeste, as quais foram gerenciadas pelas instituições governamentais, que investiram em campanhas de recrutamento para atrair homens jovens nordestinos aos seringais amazônicos. Após serem recrutados, os trabalhadores eram encaminhados à Fortaleza, onde aguardavam para ser embarcados em 'grupos' ou 'comboios', organizados por 'turmas' (Brito, 2017; Figura 10). Em síntese, o transporte de mais de 54.000 migrantes para a Amazônia, entre 1941 e 1945, representou a maior transferência de mão de obra subsidiada pelo Estado na história do Brasil. No entanto,



Figura 9. Propaganda do SEMTA em 1943. Fonte: Reis et al. (2022).

os registros oficiais não incluem migrações 'espontâneas' e não oferecem muitos detalhes sobre os destinos precisos dos migrantes (Brito, 2017).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Basílio Lima era o seringalista (patrão) do seringal na ilha Taboca. Seu 'barracão', como era chamada a sede administrativa e comercial dos seringais, ficava na ilha da Fazenda. Além desta, faziam parte da 'região do brasileiro' outras ilhas, como a ilha do Canteiro, a ilha do Pimental, a ilha da Palmeira, a ilha do Maia, a ilha do Crente e a ilha do Patí, dentre outras. Conforme fontes orais, a extração da borracha nessa área durou até a década de 1970 (Scientia Consultoria, 2022).

O governo brasileiro, diante das adversidades enfrentadas pelos nordestinos em sua região de origem, ativamente promoveu o fluxo migratório para a Amazônia (Miranda & Hochman, 2021). No imaginário amazônico (i.e., nas matérias de jornais, literatura e historiografia), os emigrantes nordestinos são majoritariamente vinculados à figura do seringueiro, que, em sua lida cotidiana de extração do látex, transformava e se familiarizava com a floresta, enfrentando as adversidades climáticas e sociais no trato com os seringalistas (Weinstein, 1993; E. Cunha, 2000; Lacerda, 2006; Marinho, 2019). Portanto, a arqueologia nos possibilita refletir sobre a modificação da floresta amazônica no contexto socioambiental da atividade seringueira.



Figura 10. 'Soldados da borracha' partindo do estado do Ceará na década de 1940. Fonte: Reis et al. (2022).

## CONCLUSÕES

Este artigo traçou brevemente a biografia de duas empresas farmacêuticas nordestinas, através do cotejo da análise de garrafas e frascos por elas produzidos, de fontes históricas e em diálogo com a literatura historiográfica e arqueológica. Abordamos a presença desses artefatos no âmbito das migrações de *Hevea brasiliensis*, pessoas e objetos dentro da economia gomífera, e como chegaram a lugares tão remotos como as ilhas do Xingu, integrando novas relações sociais.

Posicionamos os frascos medicinais (artefatos arqueológico-históricos) e as empresas farmacêuticas – conceituadas como “coisas” por Miller (2013) – em igualdade com as pessoas na formação dos contextos sociais (Latour, 2009). Isso se aplica ao contexto tecnológico da produção, comercialização e consumo, onde atores não humanos podem influenciar as ações humanas. Portanto, reconhecemos que as empresas, assim como os frascos, desempenham um papel relevante na construção deste estudo sobre cultura material. De fato, a presença desses frascos medicinais das empresas nordestinas no sítio Taboca-1 nos permite afirmar que a dinâmica de expansão comercial, decorrente da migração de seringueiros nordestinos, pode ter sido um fator importante para o tratamento de doenças na Amazônia.

O esforço de investigar o papel agêntico das coisas tratadas neste artigo se deu com base na identificação das firmas gravadas nos frascos medicinais, o que permitiu refletir sobre as redes de circulação e os usos desses objetos nas práticas sociais. No entanto, considerando o contexto de Arqueologia Preventiva no qual o sítio está inserido, os dados disponíveis sobre o contexto arqueológico são limitados, o que dificultou o refinamento da cronologia dos artefatos. A ausência de estratigrafia precisa e de associações contextuais mais robustas comprometeu a possibilidade de datá-los com maior exatidão, e tais limitações foram devidamente apontadas no texto.

Da mesma forma, a identificação dos conteúdos específicos dos frascos se mostrou inviável, uma vez que não

foi possível acessar catálogos das empresas produtoras, e as propagandas disponíveis concentram-se nos fabricantes, não nos produtos. Por fim, também se considerou a possibilidade de usos secundários desses recipientes, uma prática recorrente e ainda observável em sociedades amazônicas contemporâneas, o que amplia a compreensão sobre a trajetória desses objetos para além de seu uso primário.

Também não há registros diretos sobre o contexto de salubridade na região onde está localizado o sítio arqueológico. Porém, a historiografia destaca o déficit calórico diário que levava os seringueiros a uma vulnerabilidade a doenças devido à desnutrição e às condições precárias de trabalho, saneamento e moradia (Almeida & Heller, 2014). A Amazônia, muitas vezes referida como ‘deserto verde’, recebia indivíduos solitários enfrentando uma espécie de “solidão na selva” (Muniz, 2020). Aventamos que os migrantes nordestinos, seringueiros nas ilhas do Xingu, encontraram nos frascos de João Victal e Rodolpho Theóphilo não apenas a cura para os males físicos, mas que estes objetos e seus conteúdos podem ter sido gatilhos de memória da sua terra natal.

Nesse sentido, inferimos que, além da materialidade dos vidros, esses objetos – e, por extensão, as coisas em geral – permitem um distanciamento da abordagem nacionalista nos estudos de migração (Moraes, 2019), destacando o contraste sociocultural presente no Xingu, em um esforço para não negligenciar as identidades que moldaram os fluxos decorrentes da atividade de extração de látex na Amazônia brasileira.

O sítio Taboca-1 possibilita reflexões sobre a dinâmica entre seringueiros, seringalistas, empresários, governo e as coisas. O Estado brasileiro interferiu ativamente nas migrações de trabalhadores rumo aos seringais amazônicos – e ao médio Xingu, incentivando a atuação das casas de aviamento e dos seringalistas. Os farmacêuticos nordestinos eram membros das elites e integraram a economia da borracha como comerciantes de medicamentos. Os milhares de nordestinos seringueiros que vivenciaram a des(re)territorialização moldaram uma nova existência em

terras desconhecidas. No entanto, essa transição não os desvinculou das raízes que deixaram para trás. Os frascos e os medicamentos, subprodutos das plantas medicinais, se inseriram como mercadoria (simbolicamente mais prestigiados do que os próprios trabalhadores), circulando entre todos esses sujeitos, desde as empresas farmacêuticas, passando pelas casas de aviamento e chegando aos seringais. E, na esfera de interações dos seringais, seu potencial agentivo estaria em despertar afetos nos seringueiros, evocando suas paragens e sendo um vínculo material para elas.

## REFERÊNCIAS

- Academia Cearense de Letras. (s.d.). *Rodolfo Teófilo*. <https://academiacearensedeletras.org.br/membros/rodolfo-teofilo-2/>
- Almeida, D. J., & Heller, L. (2014). Saúde e ambiente nos seringais do Acre boliviano (1870-1903): o papel de fatores e processos exógenos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(10), 3991-4000. <https://doi.org/10.1590/1413-812320141910.08912014>
- Alvim, M. C. (2011, junho 26). Trajetórias entrelaçadas. *Pinheiro em Pauta* [Blog]. <https://pinheiroempauta.blogspot.com/2011/06/>
- Antiga Pharmacia de São Luís. (2023, abril 25). *Agenda Maranhão*. <https://agendamaranhao.com.br/2023/04/25/antiga-pharmacia-de-sao-luis/>
- Appadurai, A. (2008). Introdução: mercadorias e a política de valor. In A. Appadurai, *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural* (pp. 15-88). EdUFF.
- Baima, C. B. (2012). *Toda cura para todo mal? Discurso médico e práticas curativas no tratamento de doenças e na conservação higiênica de São Luís (1880-1905)* [Monografia de graduação, Universidade Estadual do Maranhão].
- Bastos, C. A., & Lopes, S. N. (2008). Nas rotas do Xingu e do Tapajós: desertores, remeiros e regatões no Grão-Pará do pós-Cabanagem. In C. M. Souza, & A. Cardoso (Orgs.), *Histórias do Xingu: fronteiras, espaços e territorialidades (séculos XVII-XXI)* (pp. 159-188). Edufpa.
- Bourdieu, P. (2011). The forms of capital (1986). In I. Szeman, & T. Kaposy (Eds.), *Cultural Theory: An Anthology* (pp. 81-93). Wiley-Blackwell.
- Brito, A. L. (2017). *Mulheres no seringal: experiências, trabalhos e muitas histórias (1940-1950)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense]. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/13825>
- Caldarelli, C. E., Júnior, A. R., & Matos, F. (s.d.). *Médio e Baixo Xingu: um caldeirão étnico-cultural*. Scientia Consultoria Científica.
- Camargo, P. F. B., & Zanettini, P. E. (2017). *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles? Guia arqueológico de classificação e análise*. Edufs.
- Castro, A. M. (2020). *Um regime de opulência: grupos ceramistas na Volta Grande do rio Xingu* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. [https://drive.google.com/file/d/1urZOnceTTV5BWgrj2mZJ7OkycvVaj\\_en/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1urZOnceTTV5BWgrj2mZJ7OkycvVaj_en/view?usp=share_link)
- Cerqueira, D. L. (s.d.). *João Victal de Mattos*. Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), Acervo Digital. <https://apem.cultura.ma.gov.br/acervo/items/show/198>
- Chambouleyron, R. (2008). O Sertão dos Taconhapé. Cravo, Índios e Guerras no Xingu Seiscentista. In C. M. Souza, & A. Cardoso (Orgs.), *Histórias do Xingu: fronteiras, espaços e territorialidades (séculos XVII-XXI)* (pp. 51-74). Edufpa.
- Costa, D. M. (2017). Arqueologia histórica amazônica: entre sínteses e perspectivas. *Revista de Arqueologia*, 30(1), 154-174. <https://doi.org/10.24885/sab.v30i1.506>
- Cruz, A. G. (2019). Dois séculos de extrativismo e especialização primário-exportadora na Amazônia: uma análise comparada entre os ciclos da borracha e do minério de ferro. *Cadernos CEPEC*, 8(1), 43-66. <http://dx.doi.org/10.18542/cepec.v8i1.7764>
- Cunha, E. (2000). *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Senado Federal.
- Cunha, M. S. C. (2008). Xingu e Belém: o entrelaçamento das querelas políticas na República. In C. M. Souza, & A. Cardoso (Orgs.), *Histórias do Xingu: fronteiras, espaços e territorialidades (séculos XVII-XXI)* (pp. 159-203). Edufpa.
- Faria, E. S. S. (2016). *Viagem etno-histórica e arqueológica ao Médio Xingu: memória e história indígena na Amazônia* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. <https://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses2016/tese%20Eliane%20vers%C3%A3o%20pdf.pdf>
- Governo do Estado do Pará. (1855). *Termos de contrato n. 32* [Documento de arquivo, código 1226]. Secretaria da Presidência da Província, Arquivo Público do Estado do Pará (APEP).
- Governo do Estado do Pará. (1857a). *Termos de contrato n. 37* [Documento de arquivo, código 1226]. Secretaria da Presidência da Província, Arquivo Público do Estado do Pará (APEP).
- Governo do Estado do Pará. (1857b). *Termos de contrato n. 35* [Documento de arquivo, código 1226]. Secretaria da Presidência da Província, Arquivo Público do Estado do Pará (APEP).



- Governo do Estado do Pará. (1874). *Minutas de ofícios do Ministério de Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas* [Documento de arquivo, códice 1523]. Secretaria da Presidência da Província, Arquivo Público do Estado do Pará (APEP).
- Hecht, S. B. (2013). *The scramble for the Amazon and the 'Lost Paradise' of Euclides da Cunha*. The University of Chicago Press.
- Hodder, I. (2012). *Entangled: An archaeology of the relationships between humans and things*. Wiley-Blackwell.
- Hoskins, J. (2008). Agency, biography, and objects. In C. Tilley, W. Keane, S. Küchler, M. Rowlands, & P. Spyer (Eds.), *Handbook of material culture* (pp. 74-84). Sage.
- Ingold, T. (2007). Materials against materiality. *Archaeological Dialogues*, 14(1), 1-16. <https://doi.org/10.1017/S1380203807002127>
- Lacerda, F. G. (2006). *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.8.2006.tde-16072007-105321>
- La Condamine, C. (2000). *Viagem na América meridional descendo o rio das Amazonas*. Senado Federal. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/d/1045>
- Latour, B. (2009). Where are the missing masses? The sociology of a few mundane artifacts. In F. Candlin, & R. Guins (Eds.), *The object reader* (pp. 229-254). Routledge.
- Loureiro, V. (2022). *Amazônia colônia do Brasil*. Editora Valer.
- Marin, R. A. (2010). Visão histórica da região do rio Xingu: economia e diversidade étnica. *Papers do NAEA*, 1(1), 1-22. <http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v19i1.11372>
- Marinho, J. A. M. (2019). *As lutas camponesas e o cercamento do médio rio Xingu (PA): a construção da hidrelétrica Belo Monte* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-19122019-163007>
- Marques, A. J. M. (2020). *A variabilidade artefactual cerâmica nas ocupações Bela Vista na Volta Grande do Xingu/PA* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. <https://logosamazonico.com.br/tese/variabilidade-artefactual-ceramica-nas-ocupacoes-bela-vista-na-volta-grande-do-xingu-pa-a/>
- Miller, D. (2013). Teoria das coisas. In D. Miller, *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material* (pp. 66-118). Zahar.
- Miranda, G. A., & Hochman, G. (2021). Selecionar, cuidar e encaminhar: os médicos na Batalha da Borracha (1942-1944). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 16(3), 1-25. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0152>
- Moraes, L. E. (2019). O nacionalismo metodológico e os estudos sobre migração: seus limites e possibilidades de sua superação. In P. Reinheimer, N. Araújo, & M. Santos (Orgs.), *Imigração e cultura material: coisas e pessoas em movimento* (pp. 159-189). Oikos.
- Moshenska, G. (2010). Gas masks: material culture, memory, and the senses. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, 16(3), 609-628. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9655.2010.01642.x>
- Müller, L. M. (2022). *Escrito em ossos e dentes: dieta e saúde oral de populações pré-coloniais da Volta Grande do Rio Xingu (PA) por meio da análise de isótopos estáveis e bioarqueologia* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. [https://drive.google.com/file/d/1TgCmdQnaf2N7bTwlnzi4rABM4lvaBEBu/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1TgCmdQnaf2N7bTwlnzi4rABM4lvaBEBu/view?usp=share_link)
- Muniz, T. S. A. (2019). Os agentes do deus elástico no Baixo Amazonas: apontamentos sobre materialidade e patrimônio do período da borracha. *ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 6(11), 81-96. <https://doi.org/10.48074/aceno.v6i11.8253>
- Muniz, T. S. A. (2020). Ensaio sobre arqueologia do período da borracha no Baixo Amazonas: materialidade, ontologia e patrimônio. *Oficina do Historiador*, 13(1), e36732. <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2020.1.36732>
- Muniz, T. S. A. (2022). *Da materialidade do período da borracha (1850-1920) aos agentes do deus elástico durante o século XIX no Baixo Amazonas: Arqueologia e emaranhamentos em um presente emergente* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. <https://logosamazonico.com.br/tese/materialidade-do-periodo-da-borracha-1850-1920-aos-agentes-do-deus-elastico-durante-o-seculo-xix-no-baixo-amazonas-emaranhamentos-em-um-presente-emergente-da/>
- Muniz, T. S. A. (2023). Materiality of rubber: An emerging past from the Brazilian Amazon that entangled the world. *International Journal of Historical Archaeology*, 27, 1134-1160. <https://doi.org/10.1007/s10761-023-00701-x>
- Neves, F. A. F. (2008). Xingu, Bosquejo de Notas a Partir de Porto de Moz. In C. M. Souza, & A. Cardoso (Orgs.), *Histórias do Xingu: fronteiras, espaços e territorialidades (séculos XVII-XXI)* (pp. 137-158). Edufpa.
- Nobre, L. (2012, fevereiro 7). Rodolfo Teófilo – um grande filantropo cearense de alma e coração. *Ceará Nobre* [Blog]. <http://cearanobre.blogspot.com/2012/02/rodolfo-teofilo-um-grande-filantropo.html>
- Notabilidades do Estado do Maranhão. Principaes Casas de Maranhão (Capital). (1911). In *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, 2895. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=46941&url=http://memoria.bn.br/docreader/#>



- Nunes, F. A. (2016). Entre outras estratégias de controle e dominação: Estado, agricultura e colonização na Amazônia Oitocentista. *CLIO: Revista Pesquisa Histórica*, 34(2), 112-129. <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2016.34.2.do.06>
- "Quarta Epocha". (1892, 6 de novembro). *O Democrata*, (244), 3. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=186171&id=116550051449&pagfis=3088>
- Redondo, M. F. G., & Theóphilo, R. (1997). *Botânica elementar* (2. ed.). Fundação Waldemar Alcântara. <https://www.fwa.org.br/livros/botanica-elementar.pdf>
- Reis, A. F. de S., Siqueira, G. K., & Freitas, T. N. de (Orgs.). (2022). *SEMTA: Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – por J. P. Chabloz*. Mauc. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/68494>
- Ribeiro, M. S. (2013). Por uma biografia das coisas: a vida social da marca Havaianas e a invenção da brasilidade. *Etnográfica*, 17(2), 341-368. <https://doi.org/10.4000/etnografica.3148>
- Rosa, M. (2021). *A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA* (Coleção Antropologias, n. 16). Laced; E-Papers.
- Santos, R. (2019). *História econômica da Amazônia, 1800-1920* (2. ed.). Editora Valer.
- Scientia Consultoria. (2014). Arqueologia (prospecções, resgates, laboratório, divulgação científica) e educação patrimonial. *Projeto Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte, Rio Xingu, PA*. Relatório 8.
- Scientia Consultoria. (2022). Atividades de Laboratório, Volume 1. *Projeto Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte, Rio Xingu, PA*. Relatório 17.
- Seabra, A. C. S., & Viveiros Pina, A. D. (2023). A (re)utilização das garrafas de vidro do edifício histórico solar da beira em Belém-PA. *Revista Arqueologia Pública*, 18, e023005.
- Silva, A. A., Silva, A. C. G., Paula, J. M., Silva, J. C., & Sousa, L. F. (2010). O processo de des(re)territorialização dos trabalhadores nordestinos no território amazônico durante os ciclos da borracha. *Revista Geografar*, 5(1), 61-82.
- Ter Steege, H., Pitman, N. C., Sabatier, D., Baraloto, C., Salomão, R. P., Guevara, J. E., . . . Silman, M. R. (2013). Hyperdominance in the Amazonian tree flora. *Science*, 342(6156), 1243092. <https://doi.org/10.1126/science.1243092>
- Torres, A. M. (2018). Os colares de vidro de Quiatoni (México): suas agências e simetrias na prática museológica e antropológica. *Etnográfica*, 22(1), 27-51. <https://doi.org/10.4000/etnografica.5141>
- Weinstein, B. (1993). *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. HUCITEC; Edusp.

#### CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

A. Guimarães contribuiu com conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, administração de projeto e escrita (rascunho original, revisão e edição); e D. A. Alves com conceituação, metodologia, administração de projeto, supervisão, validação e escrita (revisão e edição).

#### DADOS DA PESQUISA

Os dados não foram depositados em repositório.

#### PREPRINT

Não foi publicado em repositório.

#### AVALIAÇÃO POR PARES

Avaliação duplo-cega, fechada.

